

## **Batalha no cais, paz no fotojornalismo: o não-registro da mídia local no caso Ocupe estelita legitima as imagens dos movimentos sociais como documento histórico**

Ludimilla Carvalho WANDERLEI<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo analisa a produção fotográfica sobre o movimento Ocupe Estelita, como documentos históricos da ocupação, tendo como referência os estudos de Boris Kossoy sobre o papel testemunhal da fotografia. O texto também considera a especificidade das imagens sob dois aspectos: a imprensa local conferiu nenhuma ou pouquíssima visibilidade ao movimento Ocupe Estelita em suas atividades de protesto, tornando tais imagens únicas; o alinhamento ideológico dos fotógrafos ao movimento assumido como postura criativa.

**Palavras-chave:** fotografia. Fotojornalismo. documento histórico. Ocupe Estelita.

### **Abstract**

This text analyzes photographs about Ocupe Estelita's movement, as historical documents from the occupation, using as reference Boris Kossoy's studies about the witnesses character of photography. It considers these specific images as result of two facts: local mass media almost didn't talk about Ocupe Estelita, including its protest activities, what gives to the images a unique value; the ideological relation between photographers and Ocupe Estelita is used as creative potential.

**Key-words:** photography. photojournalism. historical document. Ocupe Estelita.

### **Introdução**

Cada vez mais a cobertura fotográfica de acontecimentos importantes deixa de se restringir à imprensa convencional. Não só o barateamento dos equipamentos permite

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). Email: ludimillacw@gmail.com.

que cidadãos sejam autores de suas próprias narrativas do cotidiano, mas também o entendimento de leitores, internautas, ouvintes e telespectadores, de que a mídia que conhecemos confere visibilidade a determinados assuntos e atores, de acordo não só com critérios de noticiabilidade, mas também levando em consideração interesses e relações políticas e econômicas.

O “caso” Ocupe Estelita, uma disputa envolvendo governo local, sociedade civil organizada e empresas da construção civil na cidade do Recife é sintomático dessa realidade. O que começou com atividades culturais para mobilizar moradores da capital pernambucana para discutir o destino de uma área sem uso, tomou proporções internacionais, alinhando-se a iniciativas como o Occupy Wall Street<sup>2</sup> - reivindicando o espaço urbano como local de intervenção, troca e vivência da população, e também de questionamento dos modelos de urbanização adotados por governos em diferentes cidades. Porém boa parte da movimentação não ganhou as páginas dos impressos locais durante um bom tempo.

## **1 Ocupe Estelita e o não-registro da imprensa local**

“No dia seguinte após o início da demolição do armazém do Estelita, fomos avisados logo cedo no jornal: 'Olha, não pode escrever nada disso! Nada de Ocupe Estelita, Novo Recife, nada! A ordem é essa’”.

O depoimento é de um jornalista pernambucano, não identificado, e está disponível num microblog<sup>3</sup> criado para expor a situação na imprensa pernambucana sobre as ações do movimento Ocupe Estelita<sup>4</sup>: não abordar o assunto. Em meados de maio, enquanto mídia nacional e internacional<sup>5</sup> publicaram matérias sobre o tema do direito à cidade e a discussão de uso do espaço público na cidade do Recife - propostas do movimento Ocupe Estelita - os principais jornais locais (Jornal do Commercio, Folha

---

<sup>2</sup>Mais informações sobre o Occupy Wall Street em:<http://occupywallst.org/>.

<sup>3</sup>Calicerecife.tumblr.com é um microblog criado para expor relatos de jornalistas impedidos de divulgar qualquer notícia ou imagem referente ao Ocupe Estelita. Entrou no ar em 12/06/14.

<sup>4</sup>Movimento da sociedade civil organizada que se posicionou criticamente em relação ao projeto Novo Recife, proposta de construção de prédios residenciais e comerciais na área do Cais José Estelita. O Ocupe Estelita promoveu debates, shows, rodas de conversa, aulas, oficinas no espaço destinado à realização da obra.

<sup>5</sup>Le Monde, Pressenza – International Press Agency, Carta Maior, Carta Capital, Folha de São Paulo e Caros Amigos são alguns dos veículos que deram cobertura ao assunto.

de Pernambuco e Diário de Pernambuco), não noticiaram as atividades e debates promovidos pelo movimento. Ao se falar do projeto Novo Recife<sup>6</sup>, as fontes de suas notícias praticamente se resumiam à Prefeitura do Recife e aos representantes das empresas envolvidas no empreendimento.

Na cobertura fotográfica na mídia impressa, a postura foi a mesma: não se viu o registro factual da mobilização realizada pela sociedade civil ao longo de meses na área do Cais José Estelita. Para os jornais pernambucanos, entre maio e começo de junho do ano corrente, o Ocupe Estelita não existe enquanto protesto. Conforme aponta o coletivo Intervozes, que monitora criticamente a mídia brasileira, numa matéria publicada na internet:

*O Jornal do Commercio*, único dos três principais jornais locais a noticiar o fato em sua versão eletrônica, deu ao todo, desde o último dia 21, cinco matérias em sua página na internet, sendo uma no dia 21, três no dia 22 e uma no dia 23. Nas edições eletrônicas dos jornais *Diário de Pernambuco* e *Folha de Pernambuco*, as buscas pelas palavras-chave “Estelita”, “Cais José Estelita” e “Ocupe Estelita” não obtiveram como respostas matérias entre os dias 21 e 27 de maio. As únicas cinco matérias do *Jornal do Commercio*, por sua vez, passam longe de informar sobre o que está acontecendo no Cais José Estelita e a mobilização contra o projeto Novo Recife. (MOREIRA & MARTINS, 2014)<sup>7</sup>

Os motivos do que aqui chamarei de não-registro midiático são políticos e econômicos. As ligações entre o governo local e o grupo de empreiteiras interessadas no terreno do cais facilitaram a aprovação do projeto Novo Recife, sem que estudos do impacto da construção no local fossem cumpridos<sup>8</sup>. Das empresas que compõem o consórcio, pelo menos duas (Moura Dubeux Engenharia e Queiroz Galvão) são anunciantes importantes dos impressos recifenses. Sobre este último aspecto, o Observatório da Imprensa também avaliou a atuação da mídia citando um apoio

---

<sup>6</sup>O projeto Novo Recife é formado por um consórcio de quatro grandes empresas: Ara Empreendimentos, GL Empreendimentos, Moura Dubeux Engenharia e Queiroz Galvão.

<sup>7</sup>Martins, M.; Moreira, M. O que a imprensa não conta sobre o Estelita. Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/cronica-de-uma-morte-anunciada-a-cobertura-do-ocupeestelita-em-pe-3964.html>. Acesso em: 30/07/14.

<sup>8</sup>Alguns documentos exigidos para a construção, não apresentados pelo consórcio Novo Recife são: Plano Urbanístico da área (de acordo com Lei Municipal 16.550), parcelamento do terreno (Lei Federal nº 6.766/76 e Lei Municipal nº. 16.286/97), Estudo de Impacto Ambiental (conforme art. 225, § 1º, inciso IV, art. 16 da Lei Municipal nº. 16.176/96 e arts. 10 e seguintes da Lei Municipal nº. 16.243/96, Código do Meio Ambiente e do Equilíbrio Ecológico da Cidade do Recife), Estudo de Impacto de Vizinhança (conforme Estatuto das Cidades na Lei nº. 10.257/2001, art. 188) e licenças do DNIT, Iphan e ANTT.

evidente ao projeto Novo Recife, através da publicação nos três jornais da capital pernambucana de um caderno especial sobre o negócio, e ressaltou como depois da ampla participação social nas atividades promovidas pelo Ocupe Estelita, as notícias até começaram a sair, mas produzidas sob o viés de “eventos culturais”<sup>9</sup>.

## 2 Ocupe Estelita em fotos e a condição de documento histórico

Enquanto no fotojornalismo predominou a invisibilidade, nas redes sociais, sites, e blogs de notícia independentes<sup>10</sup>, e sobretudo nos canais de difusão de informação do próprio Ocupe Estelita, há vasto registro fotográfico e textual de atividades, debates, reuniões e dos trâmites legais referentes ao processo de liberação e/ou embargo das obras do projeto Novo Recife. Tendo em vista que estou abordando um fato que se inscreve no tempo e espaço da rotina dos recifenses de maneira muito peculiar, constituindo assim um momento histórico, utilizo aqui o conceito de Kossoy (1989), que entende a fotografia como *documento histórico visual*. “É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (KOSSOY, 1989, p. 16). Ou seja, meu argumento é de que sendo as imagens produzidas pelos integrantes do movimento, por fotógrafos independentes ou apoiadores das ações de manifesto, as principais fontes visuais que atestam os eventos ocorridos, elas se legitimam como testemunho dos acontecimentos.

Tal material é um panorama visual da ocupação que se construiu de maneira colaborativa (já que tem vários autores). Essas imagens e textos - circulando e compartilhadas diariamente na internet - permitiu ao Ocupe Estelita se tornar notícia mesmo à margem da imprensa comercial. Conforme Fred Ritchin, a fotografia produzida por cidadãos e exposta nas redes sociais já é capaz de nos dizer mais sobre realidades e conflitos a redor do mundo, do que o relato produzido pelo fotojornalismo contemporâneo<sup>11</sup>. O fato de essas imagens não estarem vinculadas a um sistema de produção de notícias convencional, seu ponto de vista explicitamente subjetivo e

---

<sup>9</sup>Raboni, André. **OCUPE ESTELITA**. Quando o interesse do dono é a voz do jornal. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/quando\\_o\\_interesse\\_do\\_dono\\_e\\_a\\_voz\\_do\\_jornal](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/quando_o_interesse_do_dono_e_a_voz_do_jornal). Acesso em: 01/08/14.

<sup>10</sup>Um deles é o Mídia Ninja, que fez reportagens e imagens das atividades do movimento.

<sup>11</sup>Em entrevista concedida a Francisco Pinteiro Pires, publicada na Revista Zum, n. 6. 2014.

particular - não se colocando como discurso único e definitivo sobre o tema que aborda - confere a elas, na abordagem de Ritchin, a classificação de *documentos sociais*<sup>12</sup>.

As posições de ambos os teóricos reforçam a compreensão de que as imagens sobre o Ocupe Estelita, realizadas por pessoas engajadas ideologicamente no movimento, funcionam como documentos, na ausência de uma cobertura fotojornalística capaz de informar sobre os eventos em questão. Por outro lado, são vestígios singulares, gerados a partir de outra intencionalidade, que não a de reportar com base no distanciamento, na objetividade. Tais registros assumem o papel de documentos produzidos a partir do envolvimento ideológico dos autores no tema, o que lhes dá características específicas.

Segundo Kossoy (1989) a fotografia mesmo produzida sob o indicativo da objetividade, carrega sempre o traço de seu autor, sendo impossível falarmos em imparcialidade:

(...) é justamente o autor que, selecionando culturalmente e organizando esteticamente o fragmento do mundo visível para o registro, torna o testemunho fotográfico o resultado de um ato criativo e individual (KOSSOY, 1989, p. 85).

Também Batchen (2004, p. 211)<sup>13</sup>, ao discutir a essência da fotografia, afirma que esta não é menos que intervenção e escolha, entre o que revelar/ocultar, pois os elementos com que a fotografia trabalha (enquadramentos, níveis de luz, exposição), são utilizados de acordo com a intenção do autor. Compartilho de tais pontos de vista, em relação às imagens do Ocupe Estelita, conforme é possível constatar ao analisar algumas fotografias disponibilizadas pelo movimento na internet. Tomemos como exemplo, a imagem de Chico Ludermir (figura 1):

---

<sup>12</sup>Idem.

<sup>13</sup>Batchen, Geoffrey. **Arder em deseos**. La concepción de la fotografía. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

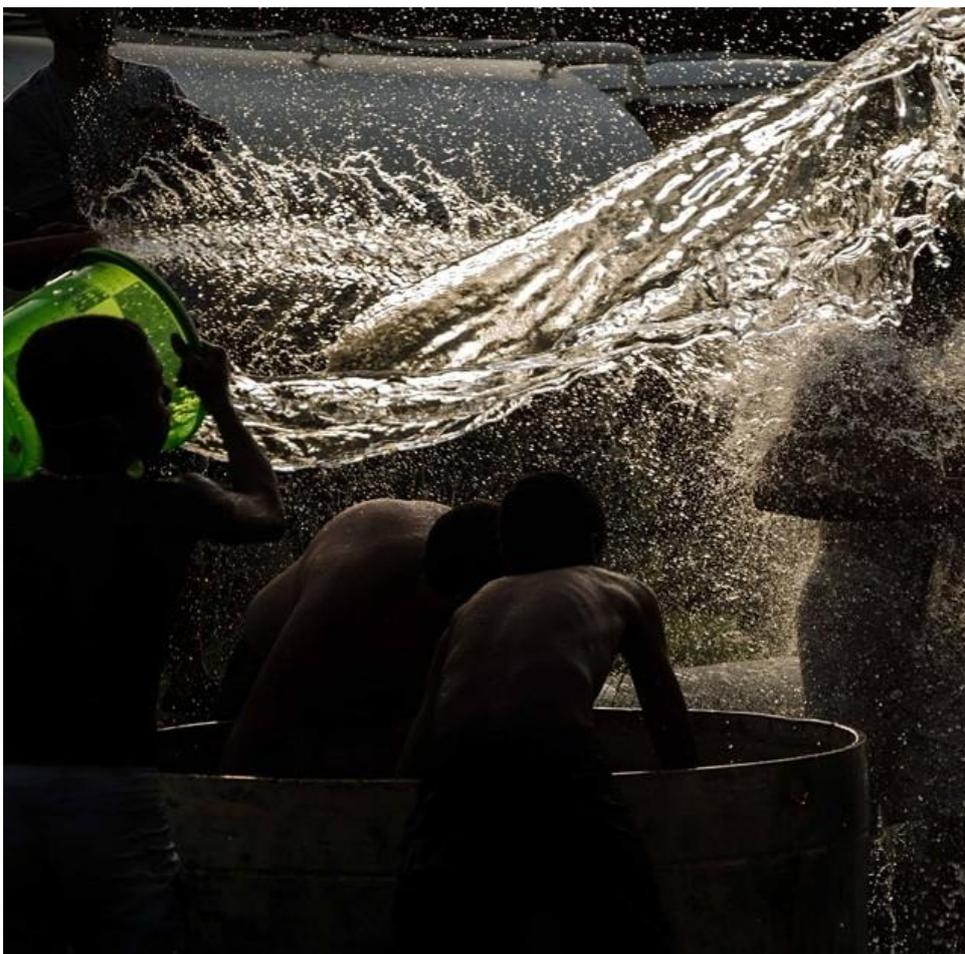


Figura. 1, Sem título, Chico Ludermir, 2014.  
Fonte: Instame.com

Ao olharmos para ela percebemos que a intenção do fotógrafo ao retratar crianças tomando banho na ocupação, foi principalmente expressar uma visão positiva do local, mostrando um momento de descontração e leveza, talvez inclusive tentando sugerir que a convivência e o ambiente da ocupação, eram capazes de criar relações de entre as pessoas, para além do debate sobre o destino e uso público daquele espaço, relações afetivas. Uma imagem com essas características é resultado de um posicionamento ideológico claramente favorável à discussão promovida pelo Ocupe Estelita, e assumido como postura estética. Tal posicionamento norteia toda a produção de imagens como esta. Ainda é possível afirmar, que as imagens às quais estou me referindo, embora demonstrem fatos do cotidiano, não podem ser enquadradas como fotojornalismo; elas negam o distanciamento preconizado pelo estilo direto e objetivo da fotografia praticada pela imprensa. Ela relativiza a preocupação com “regras” como a

nitidez, a perspectiva centralizada do tema. Em vez disso, vemos sujeitos de costas para a câmera (colocando de lado a importância de expor suas identidades), o predomínio da escuridão em lugar da claridade, e até uma pessoa (ao fundo, lado esquerdo), cuja cabeça está cortada ao meio, na altura do nariz, o que segundo a “cartilha” do fotojornalismo seria considerado um erro de enquadramento. Tal conjunto de elementos sugere uma intenção de explorar o movimento e a leveza do momento, e não uma preocupação em registrar meninos que se banham de uma maneira puramente verossímil.

### 3 Ocupe estelita e fotojornalismo: distanciamentos e especificidades

Testemunho, vestígio, fragmento. É importante ressaltar que estou considerando a fotografia como materialidade que aponta eventos cotidianos, sem contudo, ser capaz de dar conta deles em sua totalidade; esse talvez seja um ponto crucial que diferenciam as realizações fotográficas focadas neste estudo, do fotojornalismo no sentido clássico. Olhar para os momentos capturados no espaço da ocupação é mapear um pouco do que ocorreu naquele espaço, mas temos a certeza de que não estamos alcançando a completude daquele real. É na condição de fragmento que aceitamos tais imagens, pois também elas foram concebidas a partir dessa certeza. Elas preservam o caráter testemunhal, mas não se propõem como verdade dos fatos - talvez como uma verdade construída pela e na imagem, essencialmente dispersa e pessoal. É como que reconhece Entler (2006):

Quase todos os usos consolidados da imagem da fotografia estão baseados em sua suposta capacidade de portar informações e discorrer sobre a realidade. Com isso ela se revela uma das mais importantes extensões da nossa memória. Mas permanece o problema de sua fragmentação e incompletude, pois o passado nunca se oferece sem resistência e, muito menos, se oferece totalmente. (ENTLER, 2006. p.6)<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup>Entler, Ronaldo. **Testemunhos silenciosos: uma nova concepção de realismo na fotografia contemporânea**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202006000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202006000200004)

Acesso em: 10/08/14.

Também a condição de fragmento remete ao caráter indicial da fotografia, contrário à noção de espelho, muitas vezes preconizada pelo fotojornalismo. Conforme Batchen (2004): “una pisada es com respecto a un pie lo mismo que una fotografia com respecto a su referente. Es como si los objetos hubieran alcanzado y tocado la superficie de una fotografia, dejando sus propias huellas (...)” (BATCHEN, 2004, p.212). Isso significa compreender a fotografia mais como rastro, marca, do que propriamente como reflexo de uma realidade.

Acrescente-se que a concepção de fotojornalismo clássico à qual me refiro, é a que Rouillé (2009) chama de *fotografia-documento*, cujas características são a crença na objetividade e transparência da imagem (a câmera espelha aquilo que está na sua frente) na distância do autor em relação ao tema (não interferência), demarcando uma posição de exterioridade do fotógrafo, tornando assim possível alcançar a verdade com fidelidade aos fatos. O autor exemplifica esse ideal no trabalho de Cartier-Bresson, que entende ser papel do repórter frente ao acontecimento “andar em volta enquanto ele se desenvolve”, “procurar a solução” e “captar o fato verdadeiro em sua relação com a realidade profunda” (BRESSION apud ROUILLÉ, 2009, p. 132). Tais observações deixam claro o entendimento de um fazer fotográfico suficiente para sustentar-se como expressão fidedigna de determinado acontecimento, como se a presença do fotógrafo e seus posicionamentos, escolhas e referências enquanto ator social, pudessem ser apagados, ou suspensos no exercício do papel de sujeito produtor da imagem. Rouillé (2009, p. 144) acrescenta ainda que a fotorreportagem convencional baseia-se exatamente na ideia do fotógrafo como elemento neutro entre o fato e o leitor. Embora a partir do momento em que se reconhece a autoria de uma fotografia ou de qualquer outra criação visual, seja difícil manter o ideal da imparcialidade/objetividade, como discurso de afirmação essa ideia permanece forte entre muitos jornalistas.

Em oposição à *fotografia-documento* o autor propõe a *fotografia-expressão* “que engloba um acontecimento, mas não o representa” (ROUILLÉ, 2009, p. 137) ou ainda possui um “caráter indireto”, valoriza “maneiras de escrita, clichês e subjetividades”, trabalhando “a proximidade, jogos de inferências e das distâncias” (ROUILLÉ, 2009, p. 159). O conceito de *fotografia-expressão* é bastante útil para classificar a fotografia do Ocupe Estelita.

Na imagem de Felipe Ribeiro (figura 2)<sup>15</sup> podemos identificar a presença como ironia e a subjetividade explícita como elemento de construção da imagem - em lugar de seu mascaramento (expressas pela mão em primeiro plano) - e até uma ressignificação da fotografia de paisagem, numa composição irreverente de um bucólico pôr-do-sol. Uma postura criativa que reverbera o tom desprezioso utilizado nas próprias atividades e até na estratégia de comunicação do movimento<sup>16</sup>.

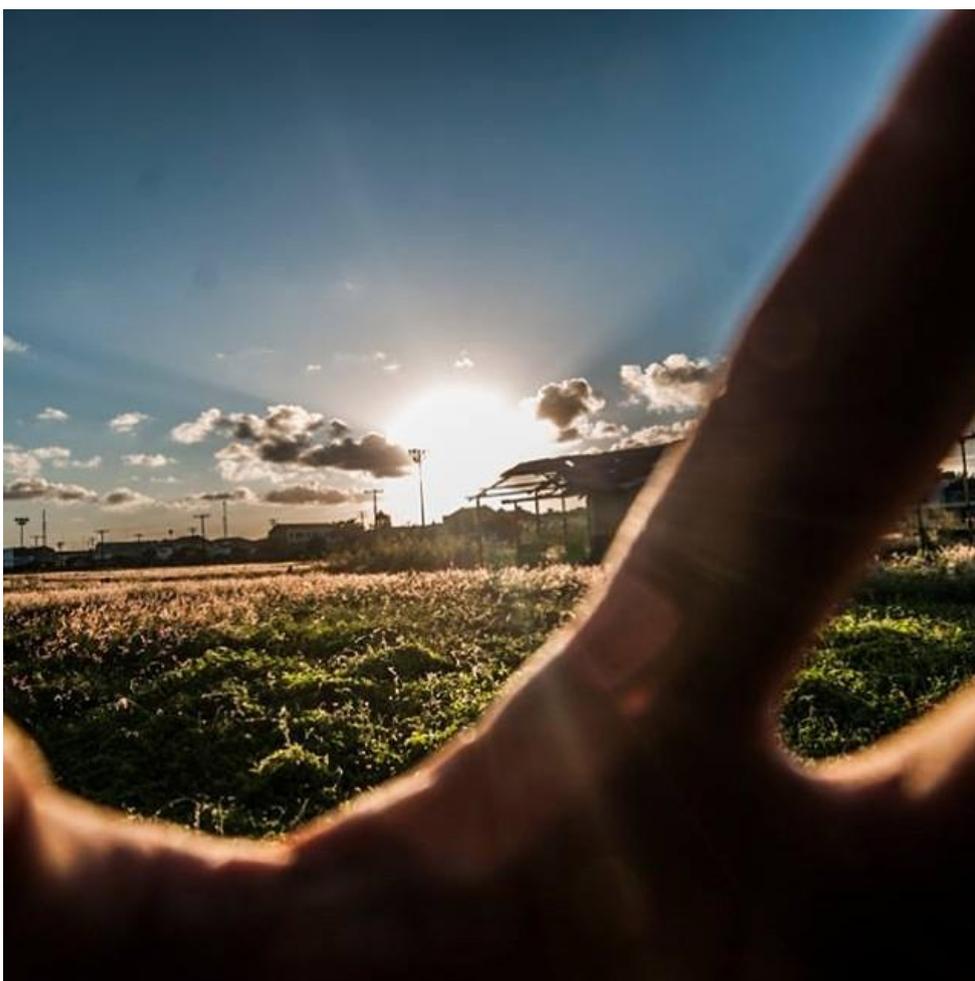


Figura.2 Sem título, Felipe Ribeiro, 2014.  
Fonte: Instame.com

Mais interessante é o caso do Projeto Reexistir: um pequeno ensaio, composto de apenas seis imagens produzidas a partir da técnica *lightpainting*, realizado para

---

<sup>15</sup>#OcupeEstelita 2014. Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/direitosurbanos/sets/72157645043795733/detail/?page=2>>. Acesso em 10 ago. 2014

<sup>16</sup>A ironia, a leveza e o tom descontraído também estão nos materiais gráficos utilizados pelo Ocupe Estelita na divulgação de suas ações. Alguns materiais estão em: [www.vaiternoestelita.tumblr.com](http://www.vaiternoestelita.tumblr.com).

externar o apoio e participação dos fotógrafos do Coletivo Coexistir no movimento. Conforme mostram as figuras 3 e 4, a proposta aqui é tirar proveito do efeito visual causado pelo *lightpainting*, produzido com luzes artificiais em condições de escuridão.



Figura. 3, Projeto Reexistir, Coletivo Coexistir, 2014.  
Fonte: Projeto Reexistir



Figura. 4, Projeto Reexistir, Coletivo Coexistir, 2014.  
Fonte: Projeto Reexistir



Figura. 5, Projeto Reexistir, Coletivo Coexistir, 2014.  
Fonte: Projeto Reexistir

A própria escolha dessa técnica, já demonstra uma recusa da preferência pelas imagens tomadas com luz natural, uma característica forte da fotografia de imprensa. Além disso, a opção por capturar uma imagem construída mediante condições específicas de iluminação do ambiente e velocidade do equipamento, também aponta para uma necessidade expressiva que se recusa a estar subordinada ao acaso, à espontaneidade, ou seja, às condições de produção típicas do fotojornalismo, que tenta “reproduzir o que está a sua frente”. Segundo Rouillé, a fotografia-expressão considera que “as visibilidades não se extraem diretamente das coisas, mas produzem-se indiretamente, trabalhando a forma, a imagem e a escrita fotográficas” (ROUILLÉ, 2009, p. 163). Essa é exatamente a proposta do Coexistir.

Ainda se deve considerar que a intenção do coletivo foi criar uma visualidade, no sentido de intervir no espaço - ocupando-o a sua maneira - ao invés de reproduzi-lo, o que fica explícito na figura 5. Tal atitude corrobora a noção de uma fotografia utilizada com fins políticos de participação, que jamais pode ser interpretada como reflexo do distanciamento de seus autores. Um pequeno texto que acompanha as imagens, disponibilizadas na internet, também reforça a postura do coletivo, posicionando claramente seus autores como sujeitos participantes do movimento:

Projeto de light painting sobre ocupação, resistência e existência no espaço urbano, nascido dentro do movimento #ocupeestelita. As fotos foram tiradas na área de ocupação do Cais José Estelita, contra o Projeto Novo Recife. Coletivo Coexistir: Diogo Lopes, Pedro Andrade e Renata Pires. Recife, 30 de Maio de 2014.<sup>17</sup>

#### **4 O fotojornalismo reage: o não-registro vira ensaio**

No início deste artigo, deixei claro que o período no qual se baseia minha análise compreende o começo do mês de maio/2014 até o início de junho do mesmo ano, quando a imprensa pernambucana praticamente ignorou as atividades do movimento Ocupe Estelita, conforme já detalhado. Tais condições são a base do argumento de documento histórico adquirido pelas imagens que acabei de analisar. Além disso, classifiquei tais imagens como *fotografia-expressão*, conceito de Rouillé (2009) que se opõe ao fotojornalismo (*fotografia-documento* para o mesmo autor). Faço essa breve

---

<sup>17</sup>Projeto Reexistir. Disponível em: <<http://projutoreexistir.tumblr.com/>>. Acesso em: 01/09/14.

retomada cronológica para expor uma mudança de postura por parte da mídia local, que resultou finalmente numa abordagem do “assunto” Ocupe Estelita, e comparar as características dessa abordagem, ao argumento que proponho.

Na madrugada do dia 17/06, uma ação de reintegração de posse do terreno onde estavam os integrantes do movimento, foi realizada pela polícia militar, gerando confusão e tumulto. O fechamento de ruas causou engarrafamentos e o uso de armas de efeito moral e cavalaria, além da presença de um grande número de policiais chamou a atenção da população para um fato que até então, não existia na imprensa, tampouco para o público que se informa através dela. Dada a magnitude das consequências - que tiveram repercussão inclusive fora do Brasil<sup>18</sup> - tinha se tornado impossível ignorar os fatos, jornalisticamente falando. Não só quem passava pelo local presenciou o que acontecia, como na internet fotografias e vídeos mostraram pessoas feridas, truculência e bastante tumulto. Esse conjunto de episódios levou os principais veículos da mídia local a noticiarem a reintegração de posse, incluindo assim o Ocupe Estelita em suas pautas.

Gostaria de chamar atenção para um caso específico, que foi um longo material produzido por fotojornalistas do impresso Diário de Pernambuco, chamado Estelita em 90 fotos<sup>19</sup>. Tais imagens possuem várias das marcas apontadas por Rouillé na conceituação da *fotografia-documento*: a externalidade do fotógrafo, a presunção de abordagem total do tema, a premissa da objetividade etc. E como trabalho alinhado ao fotojornalismo, o esforço de reproduzir a realidade não funcionou somente como argumento profissional para os autores das imagens. Quando visitamos o *hotsite* Estelita em 90 fotos, as imagens surgem em sequência, a transição de uma foto para a seguinte é marcada por um efeito sonoro que reproduz o som da máquina fotográfica, sobre uma “trilha sonora” dos tiros disparados pela polícia na ocasião, vozes, num esforço para “tornar a experiência mais realista”.

---

<sup>18</sup>A Anistia Internacional se manifestou publicamente repudiando a ação da polícia no episódio da reintegração de posse do Ocupe Estelita. No Brasil, entidades como OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) também criticaram a ação da polícia.

<sup>19</sup> “Estelita em 90 fotos” está num *hotsite*, criado pelo Diário de Pernambuco especialmente para relatar através de imagens o dia da reintegração de posse. Disponível em: <http://hotsites.diariodepernambuco.com.br/2014/estelita1706/>.



Figura 6, Estelita em 90 fotos, Allan Torres, Julio Jacobina e Paulo Paiva, 2014.  
Fonte: Diário de Pernambuco



Figura 7, Estelita em 90 fotos, Allan Torres, Julio Jacobina e Paulo Paiva, 2014.  
Fonte: Diário de Pernambuco



Figura 8, Estelita em 90 fotos, Allan Torres, Julio Jacobina e Paulo Paiva, 2014.  
Fonte: Diário de Pernambuco



Figura 9, Estelita em 90 fotos, Allan Torres, Julio Jacobina e Paulo Paiva, 2014.  
Fonte: Diário de Pernambuco

Reproduzo aqui algumas das fotografias em questão (figuras 6, 7, 8 e 9) para ressaltar a maneira como elas demonstram a tentativa de dar conta de um acontecimento bastante amplo e complexo do ponto de vista histórico-temporal, a partir da representação de um evento que durou um dia, como é próprio do jornalismo, que baseia a informação em um recorte. As imagens do Diário de Pernambuco mantêm o distanciamento de uma abordagem das questões levantadas pelo movimento Ocupe Estelita - como debate sobre o direito à cidade e à utilização de uma área pública para fins privados - concentrando-se na ação da polícia militar durante a retirada dos ocupantes, nas reações destes à violência (resistência), na movimentação na área do cais, corre-corre nas ruas próximas, etc. Desse ponto de vista, elas se opõem radicalmente às imagens difundidas pelo Ocupe Estelita, analisadas anteriormente.

Minha reflexão é de que o assunto Ocupe Estelita se torna relevante para uma cobertura visual extensa - rompendo uma posição anterior de não-registro - exatamente pelo distanciamento que o tratamento fotojornalístico pressupõe, trazendo à tona imagens muito impactantes, de uma realidade até então desconhecida para os leitores. Sob o pretexto de registro do real, fotografaram-se eventos que resultam de um processo longo de disputa entre governo, sociedade civil e empresários, mas que não é visualizado nos debates públicos, nas decisões judiciais, nas reuniões e atividades diversas, na rotina da ocupação. Sousa (1998) é mais preciso na conceituação deste *modus operandi*, afirmando que o fotojornalismo se direciona para uma abordagem muito centrada no instante.

## Conclusão

Ao longo desse texto tentei demonstrar como a fotografia de autores diversos, realizada na ocupação do Ocupe Estelita, adquire importância testemunhal, por uma verdadeira ausência de abordagem informativa por parte da imprensa local - que chamei de não-registro midiático - configurando-se como documento histórico no sentido proposto por Kossoy (1989). Procurei também explicitar algumas diferenças estéticas que separam tais imagens de trabalhos fotojornalísticos, utilizando os conceitos de *fotografia-documento* e *fotografia-expressão* de Rouillé (2009). Analisando um processo histórico que a partir de determinado momento (dia da reintegração de posse)

se reconfigura para a imprensa local - ganhando a atenção da mesma mídia que antes o ignorava - considere necessário fazer uma breve comparação entre as fotografias “pró-Estelita” e a extensa cobertura fotográfica realizada pelo impresso Diário de Pernambuco. Intencionei mostrar que mesmo a mudança do não-registro para o registro, só foi considerada dentro das premissas do distanciamento e da objetividade, em detrimento da subjetividade do autor (convencionalismos do fotojornalismo), pois tal recorte, mantém a mesma postura de não trazer à tona, as questões políticas e econômicas, postas em discussão pelo Ocupe Estelita, como movimento organizado, que deu o tom das poucas reportagens publicadas na imprensa.

Considerando o Ocupe Estelita e suas atividades, um episódio inserido na série de eventos de reivindicação popular, que vem tomando corpo no Brasil desde julho de 2013, entendo que a fotografia desempenha um papel bastante importante, como linguagem utilizada que afirma posições ideológicas e oferece uma alternativa à cobertura da imprensa convencional (limitada pelos imperativos da objetividade), distinguindo-se por assumir como postura criativa a participação nos eventos retratados, o alinhamento político com os fatos.

## Referências

**A cidade que luta para não se tornar invisível.** Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3068>>. Acesso em 01 ago. 2014.

BATCHEN, Geoffrey. Epílogo. In: **Arder em desejos.** La concepción de la fotografía. Barcelona: Gustavo Gili, 2004

ENTLER, Ronaldo. **Testemunhos silenciosos:** uma nova concepção de realismo na fotografia contemporânea. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202006000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202006000200004)> Acesso em 10 ago. 2014.

PIRES, Francisco Pinteiro. **Fotojornalismo em crise?** Revista Zum, São Paulo: Instituto Moreira Salles. No. 6. abril de 2014. Instituto Moreira Salles.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ática, 1989.

MARTINS, M; MOREIRA, M. **O que a imprensa não conta sobre o Estelita.** Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/cronica-de-uma-morte-anunciada-a-cobertura-do-ocupeestelita-em-pe-3964.html>>. Acesso em: 30

jul. 2014

**Recife:** Ocupação reúne 10 mil e barra demolições no cais. Caros Amigos. Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/cotidiano-2/4175-recife-ocupacao-estelita-leva-10-mil-a-festival-de-cultura>>. Acesso em 01 ago. 2014.

**Reintegração e tumulto no cais José Estelita.** Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2014/06/18/interna\\_vidaurbana,510939/reintegracao-e-tumulto-no-cais-jose-estelita.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2014/06/18/interna_vidaurbana,510939/reintegracao-e-tumulto-no-cais-jose-estelita.shtml)>. Acesso em 01 set. 2014.

ROUILLÉ, Andre. **Fotografia:** entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **História crítica do fotojornalismo ocidental.** Florianópolis: Grifos/Letras Contemporâneas, 2000.

### Referências eletrônicas

**Consórcio Novo Recife** (site) - <http://www.novorecife.com.br/consorcio/> **Movimento Ocupe Estelita** (perfil Facebook) - <https://pt-br.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita>

**Calice Recife** (tumblr) – <http://calicerecife.tumblr.com/>